

Vice com crítica a Ulysses

é visto como de candidato à própria Presidência

LEONARDO MOTA NETO

A justificativa da pesada acusação do ministro Antônio Carlos Magalhães ao deputado Ulysses Guimarães, por ter antecipado o início da temporada da sucessão presidencial, num momento em que o País vive sua mais grave crise econômica, é a demagogia. Acha o ministro das Comunicações que nem Ulysses, nem Brizola, conseguirão sanar as dificuldades econômicas do País, em plena hiperinflação, apenas pela retórica:

“O candidato que vier na trilha da demagogia vai combater tenazmente o governo Sarney. Vai criar perspectivas perante o povo que o elegeu, e o povo é muito mais severo quando vota diretamente num candidato, do que quando é escolhido indiretamente, como foi o caso de Tancredo e Sarney. Essa desilusão — porque ela não vai resolver nem cumprir as promessas de candidato — pode levar o País a uma situação muito difícil”.

Essas palavras textuais do ministro Antônio Carlos Magalhães referem-se ao candidato Leonel Brizola, mas se encaixam perfeitamente em qualquer perfil de candidatura que resolva criticar o governo Sarney como único responsável pela crise econômica, prometendo salvar a Nação com um passe de mágica, e com apelo à retórica, em comícios por todo o País: tirando partido de uma inflação de 26 por cento da qual o PMDB foi um dos principais responsáveis.

Sarney, na verdade, na apreciação de Antônio Carlos, só agora teria meios propícios pela nova Constituição, à qual se antecipou com a chamada Operação Desmonte, de ajustamento do Estado à nova realidade — para governar, no ano e meio que lhe faltam de mandato, a fim de entregar a seu sucessor um País estável na economia e institucionalizado na sua vida democrática.

Ocorre porém, que desde

JULIO ALCANTARA



Antonio Carlos

o começo de seu governo, Sarney é vítima de problemas circunstanciais, anotados pelo ministro das Comunicações:

— “Na verdade, o presidente Sarney teve sucessivos problemas. Primeiro, foi a doença de Tancredo um dia antes da posse e sua morte, um mês depois. O Presidente teve de começar a governar, com um ministério escolhido por Tancredo atendendo às mais diversas injunções políticas, diante das quais teve de criar pastas ministeriais que julgo desnecessárias. Depois veio o Plano Cruzado, o grande engano que o PMDB legou ao País. O presidente Sarney esteve sempre prisioneiro das forças políticas, sobretudo do PMDB, que insistia em escolher seus ministros, especialmente os da área econômica. Depois outro problema foi a convocação da própria Assembleia Nacional Constituinte, que em quase todo o seu período não deu liberdade ao presidente Sarney para trabalhar, porque se imiscuiu em assuntos da autonomia do Poder Executivo, com ameaças de projetos de resolução. E agora essas eleições municipais, convocadas impatrioticamente, quando o País vive sua mais grave crise econômica”.

O ministro das Comunicações não fala em tons tão fortes desde que, há dois meses, concedeu em Salvador rumorosa entrevista elogiando o prefeito Jânio Quadros, e afirmando que não recusaria ser seu vice-presidente. A entrevista provocou fortes abalos, atribuídos por Antônio Carlos, à “falta de assunto na imprensa política”.

Antônio Carlos Magalhães surge, agora, não apenas como um vice em potencial de Jânio ou de qualquer outro candidato conservador à Presidência, mas como nome para a própria Presidência, no momento em que a centro-esquerda já apresentou suas opções — Leonel Brizola, Lula, Mário Covas e até Roberto Freire — e a centro-direita ainda se debate entre várias alternativas, que poderia ser única para tentar ganhar a eleição ainda no primeiro turno, como a candidatura Aureliano Chaves, por ele ainda não admitida. Ronaldo Caiado, sabedor dessa falta de perspectiva de união conservadora, já tenta se lançar candidato. Marco Maciel dá prazo para uma definição, e se não tiver sido costurada até um pouco mais à frente não lhe restará opção a não ser compor-se com Leonel Brizola. Jarbas Passarinho tenta adivinhar os próximos passos de Jânio Quadros, e Paulo Maluf, Newton Cardoso precisa de uma vitória em Minas. Sobre Antônio Carlos: apresentar um programa de austeridade para a recomposição da autoridade perdida do Governo, como mote de uma campanha presidencial de um candidato das forças governistas, parece ser sua estratégia:

— “Precisamos o mais rápido possível de um plano global, sem o qual não conseguimos derrubar a inflação. Esse plano passa pela entrada de capital estrangeiro no País, coisa que há quase uma década não acontece. Fiquei triste em ver a Constituição criar dificuldades para isso”.